

MULHERES RURAIS DESPIDAS DO PARENTESCO E DA HIERARQUIA

Eveline Lucena Neri¹

Família como armadilha: a busca de fissuras no cotidiano das mulheres rurais nos Cariris paraibanos. Loreley Gomes Garcia (coordenadora). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

Fruto de investigação promovida por professores e estudantes de Sociologia da UFPB e financiada pela Secretaria de Políticas para as Mulheres e CNPq, “*Família como armadilha: a busca de fissuras no cotidiano das mulheres rurais nos Cariris paraibanos*” é um texto em que podemos ouvir as trabalhadoras rurais, sentir o cheiro da terra e o cansaço das longas jornadas diárias numa das regiões mais secas do Nordeste brasileiro. Os autores, na pesquisa de campo, tiveram a preocupação de conversar com essas mulheres abertamente e dentro do universo destas. Escapar à vigilância dos maridos que espreitavam os momentos de diálogos nem sempre foi possível, mas a busca da equipe pelos silêncios e pelas falas das mulheres enquanto indivíduos, e não como esposas, foi incessante.

Objetivando analisar se os projetos de desenvolvimento executados por ONGs e entidades governamentais parceiras nos Cariris paraibanos, particularmente o Projeto Dom Helder Câmara, atingem seus objetivos de aumentar a equidade de gênero, os pesquisadores voltaram seu olhar para os indícios de fissuras, isto é, mudanças no cotidiano das pessoas participantes dos programas que pudessem engendrar novos comportamentos e papéis nas relações familiares, bem como, na divisão sexual do trabalho. Entrevistas com as representantes das ONGs, com grupos focais e as mulheres de assentamentos, beneficiadas ou não pelos projetos, além da observação *in loco* compuseram a metodologia da pesquisa para os dados coletados em 2009.

As peculiaridades dos territórios visitados, os perfis das mulheres entrevistadas, as ONGs e projetos envolvidos são apresentados ao longo do livro. Os autores também discutem a agricultura familiar e a posição da mulher nesse contexto:

A agricultura familiar é caracterizada pela pluriatividade que garante a reprodução social e econômica da unidade familiar, cuja estabilidade advém das relações de parentesco entre os membros.

A família não é um todo orgânico e monolítico... e, muito menos, uma instituição democrática e sem hierarquia, na qual o peso da opinião dos membros é considerado, definindo decisões consensuais.

Parentesco e hierarquia, assim, destacam-se como traços indissociáveis às unidades familiares e à dinâmica da agricultura familiar. Combinação esta que sustenta a divisão sexual do trabalho e tem se revertido, invariavelmente, em prejuízo à autonomia feminina nas relações públicas e privadas. Sobre o assunto devem ser lembradas as palavras do filósofo americano radical John Zerzan (2010):

Quando os grupos coletores das sociedades de bandos deram lugar a funções especializadas, as estruturas de parentesco formaram a infraestrutura das relações que se desenvolveram na direção da inequidade e do poder diferenciado. As mulheres foram imobilizadas quando se privatizou o cuidado com as crianças, modelo que foi aprofundado posteriormente, para além das exigências dos papéis de gênero.

¹ Doutoranda em Sociologia – UFPB. Professora do Departamento de Ciências Jurídicas da UFPB. Vice-coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito. email: eveline.neri@gmail.com

E a fala de uma das entrevistadas deixa clara a perversa sistemática:

Quem fazia a feira era eu, mas quem pagava era ele. Quem resolvia as contas era eu, mas quem pagava era ele [...] Depois que eu me separei foi que eu vim trabalhar, pegar no meu dinheiro, saber o que eu precisava ou não (Flor de cacto, 33 anos, Santa Catarina).

“Família como armadilha” demonstra exatamente que a centralidade da família nos projetos de desenvolvimento e equidade de gênero torna invisíveis

as relações de poder entre seus membros e limita a eficácia emancipatória pretendida. As mulheres abrangidas pela pesquisa não são empoderadas, pois mesmo quando conseguem trabalho remunerado, a administração dos recursos econômicos e as decisões familiares continuam a cargo dos esposos ou companheiros. Os pesquisadores perceberam nos assentamentos e comunidades visitadas que o trabalho das ONGs feministas só chegou a aumentar a autoestima das mulheres participantes, mas não gerou impacto significativo nas relações de gênero e mudanças em termos de empoderamento feminino.

Referência

ZERZAN, John. (2010). “Patriarcado, civilização e as origens do gênero”. In: *Revista Gênero e Direito*, nº 2. Trad. Loreley Garcia. Editora Universitária da UFPB. Disponível em: <<http://www.cj.ufpb.br/nepgd/images/stories/pdf/patriarcado.pdf>>. Acesso em: 28/07/2012.